

ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA: O RENDIMENTO DOS ALUNOS A PARTIR DO ESTUDO DAS CAPACIDADES FÍSICAS

Esp. FRANCISCO GAMA DA SILVA
Professor do Curso de Educação Física CAMEAM/UERN
gama.uern@gmail.com

Esp. JOSÉ GIOVANNI NOBRE GOMES
Professor do Curso de Enfermagem CAMEAM/UERN
Discente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde – PPGCSA – UFRN
(doutorado)
giovanipits@ig.com.br

Ms. HELDER CAVALCANTE CAMARA
PPGCISH/UERN
Professor do Curso de Educação Física CAMEAM/UERN
redlehcc@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre a Educação Física e a reprodução dos capitais culturais hegemônicos. Parte da noção de capital cultural adotada por Bourdieu e Passeron (2008), segundo a qual certos saberes são apreendidos ao longo da vida – os quais são determinantes na inserção social. Também considera a crítica dos autores à escola, considerando-a um espaço em que se reproduzem os capitais culturais; em especial, os hegemônicos, o que faria com que os agentes advindos dos grupos hegemônicos levassem vantagem em relação aos das classes menos favorecidas. Levando em consideração esses aspectos, perguntamo-nos se a Educação Física estaria reproduzindo tais capitais culturais hegemônicos. Todavia, para pensar essa questão, não direcionamos nosso olhar para verificar os conhecimentos tratados na disciplina, especificamente. Trilhamos outro caminho. Foi ao desempenho dos alunos das escolas públicas e privadas nas aulas de Educação Física que direcionamos nosso olhar, visto que, segundo Bourdieu e Passeron (2008), aqueles que teriam acesso aos códigos/saberes tratados na escola teriam mais condições de sucesso. Se os capitais culturais que são tratados por essa disciplina fossem os hegemônicos, haveria um êxito maior daqueles que advêm das camadas mais favorecidas. Para construirmos nossas compreensões, realizamos uma pesquisa de característica quanti-qualitativa. Foram investigadas duas escolas do município de Apodi, uma pública e outra privada, das quais foi extraída uma amostragem de 116 (cento e dezesseis) alunos, distribuídos equitativamente em cada instituição. A faixa etária compreendida foi dos 7 (sete) aos 10 (dez) anos. A amostra foi submetida a cinco testes (flexibilidade, resistência geral, velocidade de deslocamento, força explosiva dos membros superiores e inferiores), a fim de verificar a capacidade física dos alunos, visto que essa consiste em um aspecto determinante nas aulas de Educação Física – que ainda apresentam um caráter eminentemente prático. Os dados foram organizados no programa estatístico SPSS® e submetidos a testes estatísticos, bem como foi aplicado o teste t para verificar a significância dos dados constatados nas escolas pública e privada. Os resultados obtidos indicaram que, no teste de resistência geral, não houve diferença de rendimento entre os alunos das escolas pública e privada, enquanto que na força explosiva dos membros superiores houve diferença significativa em favor dos alunos da escola particular. Nos testes de flexibilidade de movimento, de força explosiva dos membros inferiores e de velocidade de

movimento, os alunos da escola pública obtiveram melhores desempenhos. Confrontando esses resultados com a literatura, foi possível perceber que houve algumas aproximações e distanciamentos, as quais nos ajudaram a construir nossas reflexões. Apesar das diferenças significativas obtidas entre o rendimento dos alunos das escolas pública e privada em alguns testes, não houve diferenças capazes de produzir argumentos consistentes, que digam que a Educação Física estaria reproduzindo capitais culturais hegemônicos. Palavras-chave: Escola pública. Escola privada. Capacidades físicas. Capitais culturais.

INTRODUÇÃO

O homem é um ser biológico, mas não se limita a essa característica. Ele é também um ser social e cultural. Carrega, portanto, uma individualidade biológica, advinda de uma carga genética – cujo desenvolvimento, todavia, não depende somente dos fatores intrínsecos (TANI *et al.*, 1988). Aspectos externos ao indivíduo atuam interferindo, de forma positiva ou negativa, nesse desenvolvimento, como, a título de ilustração, a alimentação e as experiências motoras.

Também não seria equívoco dizer que, por sermos biológicos, o movimento constitui-se como elemento imprescindível. Para Barbanti (1990), o funcionamento do corpo é mantido por um equilíbrio dinâmico que necessita de atividades para funcionar normalmente, de maneira que o rompimento do frágil equilíbrio dentro do corpo, causado, por exemplo, pela vida sedentária, pode resultar em doenças, em especial, as hipocinéticas, justamente aquelas que têm como uma das causas a ausência de uma vida ativa.

Barbanti (1990) ratifica a importância da atividade física para uma vida saudável – especialmente, no que diz respeito à sociedade em que vivemos, na qual o sedentarismo vem ganhando mais espaço.

As atividades motoras, no foco apresentado até aqui, com fins de manutenção de uma vida saudável, ganham espaço na escola, com especial destaque para as aulas de Educação Física, espaço em que o movimento corporal é a diretriz principal. Sabemos, no entanto, que, devido ao número de aulas (normalmente, duas por semana), essa não pode ser considerada uma prática regular de atividade física. Apesar disso, ela tem um fim talvez até mais importante do que esse, posto que seja através das suas vivências que se podem fornecer informações que permitam atribuir sentido e gosto pela prática sistemática do exercício físico – como defendido pela abordagem saúde renovada (DARIDO & SANCHES NETO, 2005).

No entanto, esses não são os únicos saberes que são tratados pela Educação Física. Trabalha-se também com conhecimentos como o jogo, o esporte, a dança, a ginástica, as atividades rítmicas e expressivas, bem como com os conhecimentos acerca do corpo (BRASIL, 1998).

Se considerarmos a individualidade biológica, que destacamos anteriormente, poderíamos dizer que o rendimento obtido pelos alunos que participam das aulas dessa disciplina não seria igual, pois cada ser carrega sua constituição e potencialidade próprias. Essa diferença seria algo normal, se considerarmos somente os fatores intrínsecos. No entanto, por mais que consideremos a existência de diferenças entre os fatores extrínsecos, seria preocupante haver excessiva distância no rendimento dos alunos.

Pensando a escola de forma geral, Bourdieu e Passeron (2008) criticam essa instituição, porque, segundo eles, ela privilegiaria saberes pertencentes a um grupo hegemônico, o que faria com que os participantes desse grupo levassem vantagem em relação ao restante da população – ou, mais especificamente, aos que não estariam providos desse domínio. A escola reproduziria, portanto, um capital cultural hegemônico.

Capital cultural “é uma metáfora criada por Bourdieu para explicar como a cultura, em uma sociedade dividida em classes, se transforma em uma espécie de moeda, que as classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças” (UNIVESPTV).

Nessa perspectiva, os conhecimentos tratados na escola seriam, predominantemente, aqueles mais disponíveis para os grupos dominantes, o que facilitaria o êxito no sistema escolar – e, conseqüentemente, na vida – para os participantes desses grupos. Quando a escola valoriza, por exemplo, a língua culta, com ênfase na gramática, os grupos que tem acesso a esse saber, em sua própria conjuntura, levam vantagem. Nesse sentido, quando entram na escola, os membros das classes menos favorecidas, que utilizam predominantemente, em seu dia a dia, a linguagem coloquial, a qual não tem tanta preocupação com a gramática, tendem a ter dificuldade em acompanhar o desenrolar das aulas, tendo em vista que a escola trabalha com códigos nem sempre disponíveis a eles em seu cotidiano – como, nesse exemplo, a gramática.

Partindo da premissa de que a escola reproduziria – segundo Bourdieu & Passeron (2008) e Bourdieu (2011) – o capital cultural hegemônico, ficamos instigados a pensar se essa realidade também seria vista nas aulas de Educação Física.

Essa reflexão foi, portanto, mobilizadora na construção desse trabalho, o qual procura investigar os alunos que frequentam as aulas da referida disciplina, identificando algumas de suas capacidades físicas. O olhar deve ser direcionado para o desempenho dos alunos das escolas públicas e privadas, tendo em vista que um desempenho melhor dos alunos das escolas privadas pode nos levar a inferir que estes estariam inseridos em códigos e ações próprias de seu grupo, os quais estariam sendo, prioritariamente, disseminados na escola.

Desse modo, eles levariam vantagem em relação aos grupos menos favorecidos, o que nos permitiria dizer que a Educação Física estaria reproduzindo um capital cultural hegemônico.

OBJETIVOS

Identificar os desempenhos dos alunos de escolas públicas e privadas, a partir de testes de aptidão física relacionada à saúde e ao desempenho.

Identificar, a partir dos resultados de testes de aptidão física relacionada à saúde e ao desempenho, se a Educação Física reproduz os capitais culturais dominantes.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste de uma pesquisa quanti-qualitativa com desenho transversal, em que foram investigados alunos de duas escolas, uma pública e outra privada, do município de Apodi, localizado no interior do Rio Grande do Norte. A população do município correspondia, conforme censo realizado em 2010, a 34.763 habitantes.

Não se intencionou apresentar um retrato das escolas públicas e privadas do município, mas sim traçar uma comparação entre duas escolas, especificamente, que tivessem um público de alunos atendidos oriundos das classes menos e mais favorecidas economicamente. Embora não queiramos tomar como absolutos os resultados, eles têm peso efetivo na configuração de uma dada realidade, retratando o desempenho dos alunos nas aulas de Educação Física.

Para tanto, foram investigados 116 (cento e dezesseis) alunos, sendo 58 (cinquenta e oito) de uma instituição pública de ensino e 58 (cinquenta e oito) de uma privada, do referido município – amostra essa composta por alunos de ambos os sexos e compreendidos em uma faixa etária dos 7 (sete) aos 10 (dez) anos de idade. O nome das escolas não será apresentado, a fim de não denegrir a identidade das instituições.

Para verificar o desempenho dos alunos nas aulas de Educação Física, optamos pela realização de testes que pudessem verificar as capacidades físicas, visto que nas aulas dessa disciplina ainda predomina a prática efetiva do movimento através de diversas atividades motoras. Embora haja uma diversidade de testes que possam verificar as capacidades físicas, adotamos os procedimentos estabelecidos pelo PROESP-BR (Projeto Esporte Brasil), do Ministério dos Esportes, a fim de verificar a flexibilidade, a resistência geral, a velocidade de deslocamento e a força explosiva dos membros inferiores e superiores.

Desse modo, empregamos cinco testes, os quais são descritos a seguir.

Teste de flexibilidade (sentar-e-alcançar)

Para a realização desse teste, utiliza-se um banco com as seguintes características:

- a) um cubo construído com peças de 30 x 30 cm;
- b) uma peça tipo régua de 53 cm de comprimento por 15 cm de largura;
- c) escreva na régua uma graduação ou cole sobre ela uma trena métrica que vá de 0 a 53 cm;
- d) coloque a régua no topo do cubo, na região central, fazendo com que a marca de 23 cm fique exatamente em linha com a face do cubo onde os alunos apoiarão os pés.

Orientação: os alunos devem estar descalços. Sentam-se de frente para a base da caixa, com as pernas estendidas e unidas. Colocam uma das mãos sobre a outra e elevam os braços à vertical. Inclina o corpo para frente e alcançam com as pontas dos dedos das mãos tão longe quanto possível sobre a régua graduada, sem flexionar os joelhos e sem utilizar movimentos de balanço (insistências). Cada aluno realizará duas tentativas. O avaliador permanece ao lado do aluno, mantendo-lhe os joelhos em extensão.

Anotação: o resultado é medido a partir da posição mais longínqua que o aluno pode alcançar na escala com as pontas dos dedos. Registra-se o melhor resultado entre as duas execuções, com anotação em uma casa decimal.

Teste de resistência geral (9 minutos)

O teste de 9 minutos é realizado em local plano, com marcação do perímetro da pista. É necessário um cronômetro e uma ficha de registro, bem como de material numerado para fixar às costas dos alunos, identificando-os claramente, para que o avaliador possa realizar o controle do número de voltas. Também é necessária trena métrica.

Orientação: dividem-se os alunos em grupos adequados às dimensões da pista. Observa-se a numeração dos alunos na organização dos grupos, facilitando assim o registro dos anotadores. Atentar para que o número posto às costas fique visível. Informa-se aos alunos sobre a execução correta do teste, dando ênfase ao fato de que devem correr o maior tempo possível, evitando piques de velocidade intercalados por longas caminhadas. Informa-se que os alunos não deverão parar ao longo do trajeto e que se trata de um teste de corrida, embora possam caminhar eventualmente quando sentirem-se cansados. Durante o teste, informa-se ao aluno a passagem do tempo aos 3, 6 e 8 minutos (“Atenção: falta 1 minuto!”). Ao final do teste, soará um sinal (apito). Os alunos deverão interromper a corrida, permanecendo no lugar onde estavam (no momento do apito) até ser anotada ou sinalizada a distância percorrida. Todos os dados serão anotados em fichas próprias, devendo estar

identificado cada aluno de forma inequívoca. Sugere-se que o avaliador calcule previamente o perímetro da pista e, durante o teste, anote apenas o número de voltas de cada aluno. Desta forma, após multiplicar o perímetro da pista pelo número de voltas de cada aluno, ele deverá complementar com a adição da distância percorrida entre a última volta completada e o ponto de localização do aluno após a finalização do teste.

Anotação: os resultados serão anotados em metros, com aproximação às dezenas.

Teste de velocidade de deslocamento (corrida de 20 metros)

Para realizar o teste, utilizar-se-á um cronômetro e uma pista de 20 metros, demarcada com três linhas paralelas no solo da seguinte forma: a primeira (linha de partida); a segunda, distante 20m da primeira (linha 10 de cronometragem); e a terceira linha, marcada um metro da segunda (linha de chegada). A terceira linha serve como referência de chegada para o aluno, na tentativa de evitar que ele inicie a desaceleração antes de cruzar a linha de cronometragem. Dois cones para a sinalização da primeira e terceira linhas.

Orientação: o estudante parte da posição de pé, com um pé avançado à frente imediatamente atrás da primeira linha, e será informado que deverá cruzar a terceira linha o mais rápido possível. Ao sinal do avaliador, o aluno deverá deslocar-se, o mais rápido possível, em direção à linha de chegada. O cronometrista deverá acionar o cronômetro no momento em que o avaliado der o primeiro passo (tocar o solo), ultrapassando a linha de partida. Quando o aluno cruzar a segunda linha (dos 20 m), será interrompido o cronômetro.

Anotação: o cronometrista registrará o tempo do percurso em segundos e centésimos de segundos (duas casas após a vírgula).

Teste força explosiva de membros inferiores (salto horizontal)

Utilizar-se-á uma trena e uma linha traçada no solo.

Orientação: a trena é fixada ao solo, perpendicularmente à linha, ficando o ponto zero sobre a mesma. O aluno coloca-se imediatamente atrás da linha, com os pés paralelos, ligeiramente afastados, joelhos semi-flexionados, tronco ligeiramente projetado à frente. Ao sinal, o aluno deverá saltar a maior distância possível. Serão realizadas duas tentativas, registrando-se o melhor resultado.

Anotação: a distância do salto será registrada em centímetros, com uma decimal, partindo da linha traçada no solo e indo até o calcanhar mais próximo desta.

Teste força explosiva de membros superiores (arremesso de *medicineball*)

Para realização do teste, necessita-se de uma trena e de uma bola de *medicineball* de 2 kg (ou saco de areia com 2 kg).

Orientação: a trena é fixada no solo, perpendicularmente à parede. O ponto zero da trena é fixado junto à parede. O aluno senta-se com os joelhos estendidos, as pernas unidas e as costas completamente apoiadas à parede. Segura a bola de *medicineball* junto ao peito, com os cotovelos flexionados. Ao sinal do avaliador, o aluno deverá lançar a bola a maior distância possível, mantendo as costas apoiadas na parede. A distância do arremesso será registrada partindo do ponto zero e indo até o local em que a bola tocou ao solo pela primeira vez. Serão realizados dois arremessos, registrando-se o melhor resultado. Sugere-se que a bola de *medicineball* seja banhada em pó branco, para a identificação precisa do local onde tocou, pela primeira vez, o solo.

Anotação: a medida será registrada em centímetros, com uma casa decimal.

Metodologia estatística de análise

Os dados foram organizados em um banco do programa estatístico SPSS® (Statistical Package for the Social Sciences) na versão 20 e submetidos aos testes estatísticos após a avaliação da distribuição destes.

Para a análise das características quantitativas segundo o tipo de escola, foi aplicado o teste t (The Student T-test), comparando as médias obtidas nos testes de aptidão ou desempenho físico. Para estes, levou-se em consideração o Intervalo de Confiança de 95% ($p < 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos são apresentados na tabela a seguir, a qual expressa a média dos resultados obtidos pelos alunos das escolas pública e particular nos testes das capacidades físicas. Cabe ainda ressaltar que, embora na realização dos testes houvesse outras variáveis, como o gênero e a idade, estas não foram analisadas nesse momento. Nele, estão expressos, comparativamente, os índices obtidos pelos sujeitos das escolas pública e particular, sendo esta – a modalidade de ensino – a variável em relevo. Foram destacados em negrito os dados em que, estatisticamente, houve diferença significativa entre os grupos.

Tabela demonstrativa dos resultados dos testes de capacidades físicas dos alunos das escolas pública e privada

<i>Escola</i>	<i>N</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio padrão</i>	
Flexibilidade (sentar e alcançar) ¹	Pública	58	27,00	5,604
	Particular	58	24,52	5,756
Força dos membros superiores – arremesso de <i>mediciniball</i> ²	Pública	58	2,0450	,42781
	Particular	58	2,3122	,48188
Força dos membros inferiores – salto horizontal ³	Pública	58	1,3509	,18426
	Particular	58	1,2150	,22529
Velocidade de deslocamento – corrida de 20m ⁴	Pública	58	3,8745	,22311
	Particular	57	4,5798	,37817
Resistência geral (corrida de 9 minutos)	Pública	58	972,60	340,647
	Particular	58	951,28	180,044

¹ $p = 0,020$

² $p = 0,002$

³ $p = 0,001$

⁴ $p \leq 0,001$

Fonte: Dados coletados pelo investigador

A análise dos dados nos permitiu construir algumas asserções acerca do desempenho dos alunos das escolas pública e privada – asserções essas que exporemos a seguir.

No teste de sentar e alcançar, que avaliou a capacidade física flexibilidade, foi possível identificar que os alunos das escolas públicas obtiveram maiores índices nos valores médios, os quais, após tratados estatisticamente, permitiram-nos dizer que a diferença foi significativa, obtendo $p=0,020$.

Os resultados não foram os mesmos obtidos por Dumith, Azevedo Júnior e Rombaldi (2008), ao analisar alunos entre 7 e 15 anos, visto que a média de flexibilidade não foi diferente quando comparadas as redes de ensino. Os valores obtidos no estudo dos autores foram 20,4 cm, para os alunos da escola pública, e 21,1 cm, para os da privada – valores que considerados expressivos.

Analisando a flexibilidade também a partir do teste de sentar e alcançar, Mascarenhas (*et al.*, 2013) encontrou resultados diversos do nosso. Em seu estudo, analisando a referida capacidade física – mas voltada à saúde –, foi percebido que grande parte dos avaliados encontra-se em uma zona de risco, independente da escola em que estuda (pública ou privada).

Em se tratando da força dos membros superiores, verificada através do teste de arremesso de *medicineball*, pôde-se concluir que o resultado também foi estatisticamente

significativo ($p=0,002$). Todavia, foi um resultado inverso, sendo maior nos alunos das escolas privadas.

Considerando essa capacidade física, foi possível dizer que os dados obtidos nesse trabalho convergiram para os que foram encontrados em Dumith, quando foi demonstrado que o “desempenho no teste de arremesso de ‘*medicineball*’ foi significativamente superior para os rapazes, para os escolares da rede privada” (*et al.*, 2010, p. 09).

Os alunos das escolas públicas obtiveram resultados superiores aos das escolas particulares no teste de força dos membros inferiores ($p=0,001$).

Dumith (*et al.*, 2010) verificou que, em valores absolutos, os alunos da escola particular obtiveram escores superiores (1,322 metros) em comparação com os da escola pública (1,307 metros). Todavia, estatisticamente, os resultados não foram significativos.

Nossos dados se opõem a tal referência, apontando uma característica própria da nossa população estudada ou mesmo justificando o fato dos dados de Dumith não terem apresentado significância estatística.

Na corrida de 20 metros, que avalia a velocidade de movimentos, as médias dos tempos obtidos pelos alunos da escola pública apresentaram diferença. Após tratamento estatístico, obtivemos um valor de $p \leq 0,001$, o que demonstra a significância da diferença. Os resultados encontrados nesse trabalho, em se tratando da velocidade de movimento, não foram os mesmos encontrados por Dumith (*et al.*, 2010). Nesse caso, não foram identificadas diferenças significativas em escolares da rede pública e privada.

A última capacidade física avaliada foi a resistência geral. Embora os alunos da escola pública tenham obtido valores superiores aos da escola particular, a diferença não se mostrou significativa.

Vasconcelos, Soares-Neta, Rodrigues e Ferraz (2011), embora com um público diferente, formado por alunos de escolas públicas e privadas compreendidos em uma faixa etária dos 10 aos 12 anos, obtiveram resultados semelhantes ao identificado neste trabalho. Os valores médios obtidos no teste de 9 minutos foram maiores, significativamente, em alunos do sexo masculino das escolas públicas. No entanto, ressaltam os autores, esse resultado não foi o mesmo para as meninas. Os valores foram superiores nas que estudavam em escola privada – muito embora, estatisticamente, a diferença não tenha sido considerada significativa.

Outro dado importante detectado no trabalho de Vasconcelos, Soares-Neta, Rodrigues e Ferraz (2011) foi a identificação do nível de atividade física do grupo investigado a partir de um questionário auto-recordatório, o NAFT (Nível de Atividade Física Diária). Neste, não foram encontradas, estatisticamente, diferenças significativas entre o nível de atividade física

dos alunos das redes pública e privada de ensino. Todavia, os valores maiores foram os apresentados pelos da escola pública.

O nível de atividade física diária verificado pelos autores pode justificar o porquê de também não ter havido diferença significativa nos resultados dos testes por eles realizados – o que demonstra uma possível relação entre o nível das capacidades físicas e o nível de atividade física diária.

Os dados obtidos neste trabalho – bem como os alcançados por Dumith (*et al.*, 2010), analisando crianças de 7 a 15 anos do ensino fundamental de Rio Grande/RS, nos testes de salto em distância parado, arremesso de “*medicineball*”, corrida de 20 metros, barra modificada e quadrado – nos permitem dizer que os índices obtidos foram muito semelhantes para os alunos das escolas públicas e privadas.

Abrecht & Copetti destacam que “a aprendizagem e o desenvolvimento em geral estão relacionados com a vivência no mundo. É com a experiência, observação, imitação e execução do que se aprende que a criança compreende melhor o mundo que o cerca” (2012).

Nessa perspectiva, concordamos com Bourdieu (2011) quando aponta o *habitus* como determinante na inserção dos agentes dos diversos espaços sociais. É, portanto, o *habitus* condição para atuação efetiva neste mundo; *habitus* esse que está necessariamente relacionado ao domínio de certos capitais culturais e não outros. Essa apreensão depende, sobremaneira, dos campos em que o sujeito se insere.

O *habitus*, para Bourdieu, seria um princípio gerador de práticas, ou, melhor dizendo, uma “estrutura estruturante que organiza as práticas e percepções das práticas” (2007, p. 164). Dessa forma, como destaca o próprio autor, o *habitus* se forma através da experiência comum ao mundo, o conhecimento – o qual se faz em diferentes espaços, impondo uma lógica que não é, em momento algum, percebida como imposição. Por isso mesmo seria possível dizer que ele é um princípio unificar e gerador das práticas, visto que, conforme destaca o autor, “os indivíduos ou grupos estão rodeados – casas, imóveis, quadros, livros, automóveis, álcoolis, cigarros, perfumes e roupas –, e nas práticas que eles manifestam sua distinção – esportes, jogos, distribuições culturais [...]” (p. 165).

Nessa lógica, o que faço poderia resultar em distinção social. É isso justamente que Bourdieu e Passeron (2008) destacam na escola. Certos saberes, valorizados e de origem nas elites dominantes, são eleitos como os conhecimentos que devem ser apreendidos. Aprender esses conhecimentos é “garantia” de evoluir mais no sistema social. Todavia, como as classes menos favorecidas não teriam efetivo acesso a esses saberes, seu êxito estaria bastante prejudicado.

No entanto, essa lógica parece não se fazer de forma absoluta. Nem todos os saberes na escola são saberes “exclusivos” dos detentores de maior poder econômico, como é o caso da Educação Física. Os saberes dessa disciplina a serem tratados na escola ainda são caracterizados como predominantemente práticos, e essa forma de abordagem *prática* não é alheia às camadas menos favorecidas. As ações corporais estão presentes nos diversos espaços sociais, conforme destacaram Vasconcelos, Soares-Neta, Rodrigues e Ferraz (2011).

O peso relativo da educação familiar no êxito escolar, como o próprio Bourdieu (2007) destaca, depende, em grande medida, da origem social – portanto, dos campos onde os agentes se inserem. Sem discordar dessa asserção, entendemos que nem todos os saberes são de acesso exclusivo ou predominante de um ou outro grupo, hegemônico ou não. As práticas corporais alcançam os diversos campos, e a Educação Física, como uma disciplina que atua com esse tipo de prática, não reforça nem valoriza os saberes de um único campo. Por mais que se considerem as diferenças, não há uma reprodução de capitais de um grupo hegemônico em relação a outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os dados obtidos nos cinco testes realizados, pode-se constatar que em três deles, mais especificamente, nos testes de flexibilidade, força dos membros inferiores e velocidade de movimento, houve superioridade nos resultados alcançados pelos alunos da escola pública. Diferentemente, no teste de força dos membros superiores, o rendimento alcançado foi superior naqueles da escola privada. O resultado foi equitativo na avaliação da resistência geral, não demonstrando vantagem de uma instituição em relação à outra.

Não há diferença de resultados efetiva que possa produzir argumentos consistentes que afirmem que a Educação Física reproduz os capitais culturais hegemônicos. A inserção e rendimento dos alunos nessas aulas dessa disciplina não demonstra que haja vantagem daqueles que advém das classes hegemônicas. Os capitais disponíveis, tanto dessas classes quanto das classes menos favorecidas, se considerarmos mais especificamente o que é tratado na Educação Física, não representam, de forma absoluta, vantagem de um grupo em relação ao outro.

Embora este estudo tenha incidido apenas sobre uma amostra de aluno de duas escolas, uma pública e outra privada, seus resultados se aproximaram de outros estudos – no que diz respeito aos resultados nos desempenhos das capacidades físicas –, o que nos incita a validar, pelo menos na realidade investigada, a conclusão que chegamos: que não há diferença significativa nos desempenhos dos alunos das escolas públicas e privadas. Portanto, os

saberes tratados pela Educação Física não são estranhos aos alunos, independente da instituição em que eles se inserem, não se configurando, assim, como espaço de reprodução de capitais culturais hegemônicos.

REFERÊNCIAS

ABRECHT, C. V.; COPETTI, J. A avaliação e comparação da aptidão física de um grupo de crianças que praticam e não praticam educação física regular do município de Alegrete, RS. **EFDeportes**. Año 17, n. 169, jun., 2012.

BARBANTI, V. J. **Aptidão física: um convite à saúde**. São Paulo: Manole, 1990.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus Editora, 2011.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAPITAL CULTURAL. In: UNIVESPTV. Disponível em: <<http://univesptv.cmais.com.br/pedagogia-unesp/d-1-educacao-e-sociedade/capital-cultural-1>>. Acesso em 14 abr. 2014.

DUMITH, S. de C. *et al.* Aptidão física relacionada ao desempenho motor em escolares de sete a 15 anos. **Ver. bras. educ. fís. esporte**. v. 24, n. 1, São Paulo, jan.-mar., 2010.

DUMITH, S. de C.; AZEVEDO JÚNIOR, M. R.; ROMBALDI, A. J. Aptidão física relacionada à saúde de alunos do ensino fundamental do município de Rio Grande/RS, Brasil. **Rev Bras Med Esporte**. v. 14, n. 5, set.-out., 2008.

MASCARENHAS, L. P. G.; FERREIRA, A. B.; LIMA, V. de A. de; GRZELCZAK, M. T. Estudo comparativo da aptidão física entre crianças de escola pública e particular: uma visão regional. **Cinergis**, v. 14, n. 3, 2013, p. 157-160.

VASCONCELOS, S. L. de; SOARES-NETA, Z. B.; RODRIGUES, A. M. da S.; FERRAZ, A. S. M. Nível de atividade física e capacidade aeróbica de escolares do ensino público e privado da zona sul de Teresina. **Educação Física em Revista**. v. 5, n. 3, set/out/nov/dez, 2011.